

Ode-arcaica.

João Anzanello Carrascoza*

Pode-se escrever com a casca-das-palavras, mas também –por que não?– com a sua-gema. Há quem prefira cuidar das plantas amarrando-as a escoras metafísicas, enquanto a vida corre ao rés-do-chão, como ramos sem rumo. Ao extrair todo o suco da fruta, cuidado com a estética do bagaço. Há sempre um copo de cólera para um homem engasgar. Talvez o indivíduo mais forte seja mesmo o mais só. O excesso de verdades não livra o mundo de sua vocação para a mentira. Aquele que vive unicamente para si é seu próprio coveiro. Menos atenção à ideologia e mais à qualidade de seus defensores. Que diferença há entre se empanturrar de leituras e de comida? Livros só param em pé se neles existe a vibração da vida. A falta de temperança nos salva do bom-senso. Quem chupa o sangue das palavras retira delas o sentimento. Família: usina de remorso e nostalgia. Nenhum grupo se organiza sem valores. E não há valores que não gerem excluídos. O anjo mal –bendito seja– é a parte do bem que promove as mudanças. Afeto: antídoto contra o brutalidade do tempo. Teorias atrasam a partida dos cortejos. Nada contra quem inventa sua própria camisa-de-força. Só não vista nos demais a mesma indumentária. O miolo-da-questão é, sem rodeios, o miolo-da-questão. Toda mitificação é obscena. Nem no começo, nem no fim: no percurso é que está o nosso patrimônio. O que somos? Passionalidade-e-espanto ante a existência. Onde buscar o aprendizado? Há minas pelo mundo inteiro. No espaço minúsculo dessa mesa, todas as dores – e as alegrias. Em nossas mãos, sempre, a casca-das-palavras e a sua gema-de-silêncio.

* Professor Doutor da [Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo](#) (ECA-USP) e da [Escola Superior de Propaganda e Marketing](#) (ESPM), Brasil.

E-mail: jcarrascoza@espm.br

